5.º ANO LISBOA—QUARTA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1925 N.º 1242

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

PRUDENCIA!

Neste momento, a imprensa atravessa uma hora dificil, porque, entre a liberdade de pensar e escrever e o proposito governativo de defender a victoria, colocando-a acima de discussões e polemicas, nem tudo são harmonias.

O governo não cede, pois está vencedor, não se achando, por isso, disposto a tolerar que lhe tirem das mãos o poder indiscutivel que deriva do direito da força.

Os jornais, convencidos de que os principios liberais lhe garantem o alvedrio da critica, procuram, naturalmente, dizer ao seu publico o que entendem ser a verdade.

A duresa das circunstancias opõe-se a que, sem molestia ou dano, eles cumpram a sua missão, como nas ocasiões em que a lei vigora, sem mescla de outros elementos, mais atrabiliarios que juridicos.

Cremos que ninguem persistirá na estranha ideia de contestar ao vencedor a faculdade de tomar as precauções necessarias, a fim de robustecer a situação que as armas ameaçaram.

Desde o dia 19 deste mês, existem em Portugal vencidos e vencedores.

A'queles compete assumir, nobremente, a responsabilidade do seu acto, sem que por isso descurem a organisação da sua defesa, perante as justiças que os hão de julgar.

Estes não podem prevalecer-se da plenitude do mando, para transformarem em sombras os seus adversarios, visto que, sendo eles os detentores da soberania do Estado, têm que exercê-la, ainda em casos excepcionais, em beneficio da nação.

Quando qualquer governo colhe os fructos duma victoria, constitue-se imediatamente na obrigação de aproveitar o seu predominio, não para blasonar de forte, mas sim para adotar medidas urgentes e indispensaveis que arranquem os fermentos da indisciplina, implantando a paz e a confiança.

Só merece louvores a firmeza dos homens que, acertadamente, souberam impedir, na sazão propria, a irrupção das más paixões, impedindo assim desrespeitos ás pessoas e ataques aos seus haveres.

Sob este aspecto, a população de Lisboa e do país assistiu a um espectaculo que muito abona os nossos costumes de gente civilisada.

Infelizmente, parece que alguem, espicaçado pelo desejo cego de fazer da violencia uma catequese, trabalha para que o sr. Vitorino Guimarães, a pretexto de amedrontar animos rebeldes, quebre a sua linha de prudencia e de energia serena.

Não acreditamos que caia em tal.

Apoiamos tudo o que represente um esforço para desafrontar a Republica das nuvens que a ensombram.

Isto, porém, não é incompativel com uma larga obra de pacificação, sem transigencias nem fraquezas, digna de iniciar-se quanto antes, pois é tempo e mais que tempo de fechar o ciclo das revoluções e pronunciamentos.

MONOLOGANDO...

—Duas que andam a fugir á censura...

OS submarinos, como os aeroplanos, não se metem em revoluções. São as grandes armas dificeis e heroicas, a aviação com gloria, os submarinos—sem ela. Não ter gloria, é uma maneira, como outra qualquer de ser bravo. E de ser marinheiro. Os peixes não sabem contar o que vêem, e dois periscopios verde esmeralda, ao lume de agua, entusiasmam menos que duas lindas azas abertas, ao sol.

Durante o tempo revolucionario, que é uma especie de sarampo, os submarinos lavados de iodo e de indignações politicas, trabalham. E ontem realizaram-se uns exercicios «finais» cheios de emoção, beleza, sentimento profissional, quasi paixão.

Devemos já dizer: a arma dos submarinos tem sido pouco acarinhada pelos nossos governos. Porquê? Porque ha pouco dinheiro? Talvez. Mas porque não têm feito muito caso dela. Agora o grande marinheiro, sem favor, comandante Pereira da Silva, um tisnado e bravo da guerra, que é ministro da Marinha para bem da Armada e mal dos seus pecados, e a quem os jornalistas só devem finesas e nenhuma afronta, tem dispensado aos submarinos, como a toda a Armada Portuguesa, um belo, um estimulante apoio. E' um homem de governo este Pereira da Silva, por quem toda a corporação da Armada nutre afecto e respeito singulares. Devia ser ministro perpetuo, este marinheiro de raça.

Para se aquilatar da coragem e dos milagres que fazem os nossos oficiais de submersiveis, basta reproduzir a frase pronunciada, ha quatro dias, pelo comandante da esquadrilha italiana de contra-torpedeiros, o *Pantera*, o *Tigre*, o *Leão*—jardim zoologico dos Oceanos—quando, entrando a barra no periodo ainda tumultuoso da censura e das insinuações politicas, viu o *Foca* evolucionando, lá em baixo, o *Foca* que, com os seus irmãos *Golfinho* e *Hidra*, ele vira construir em San Giorgio, de Spezia, ha doze anos:

—«Accidente! Ma voi anete mi abilitá per con vare il materiale vecchio... Ma buttate via questa roba che non serve a nulla!

Queria ele dizer:

—C'os diabos! Vocês fazem milagres para conservar as cousas velhas. Mas deitam fóra essa sucata que não serve para nada ..

Serve ainda. Apesar dos quatro submarinos portugueses, entre eles o *Espadarte*, já terem atingido o *maximo* previsto de serviço.

Agora uma nota: os portugueses tiveram submarinos primeiro que os espanhois. Agora os espanhois já constroem, em serie, por instrutores americanos, bizarmas dignas do seu —e nosso!—nome, e os portugueses ainda andam com *material vecchio*.

* * *

O DEPUTADO sr. Carvalho dos Santos, comissario do governo junto da Companhia dos Caminhos de Ferro, conseguiu obter para a classe dos sargentos um desconto de 50 por cento, nas linhas daquela Companhia. O sr. Carvalho dos Santos bem merece pela sua boa vontade e inteligencia o reconhecimento daqueles que tão justa medida beneficia.

* * *

NA noticia que ha dias consagrámos á construção da ponte ferroviaria sobre o Sado, esqueceu-nos mencionar o nome do engenheiro Roberto Untuskt, sob cujas ordens trabalha, com a maior disciplina, tanto o pessoal português como o alemão, revelando-se um tecnico de alta competencia.

DO ilustre jornalista e director do nosso prezado colega «A Epoca» recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do «Diario de Lisboa»:

Acabo de receber o seguinte oficio urgentissimo, do sr. Governador Civil de Lisboa:

...Sr. Director do jornal «A Epoca»—Para conhecimento de V.... cumpre o dever de lhe comunicar que o Governo da Republica determinou nesta nata a imediata suspensão desse jornal.—Saude e Fraternidade.—Governo Civil de Lisboa, em 28 de Abril de 1925.—O governador civil, Filipe Mendes.

Está, pois, suspensa a «Epoca». Até quando?

Procurámos no numero de ontem dar documentação completa do ultimo movimento militar e nele incluimos a noticia de o Sr. General Adriano de Sá ter tido entendimentos com os seus organizadores. Não comentando a suspensão imposta ao nosso jornal por motivos obvios, limitamo-nos a extranhar que a resposta á sua acusação seja o silencio imposto ao jornal.

Pedindo a V. a fineza da publicação do presente, o que de antemão agradeço, subscrevo-me com a subida consideração de V. etc. *J. Fernando de Sousa.*»

Encontra-se «A Epoca», na mesma situação em que se achou o «Diario de Lisboa», durante cinco dias. Dela recebemos inequivocos testemunhos de simpatia. Pode «A Epoca» contar comnosco, para a ajudarmos a vencer tão dura provação. Confiamos que a imprensa de Lisboa saberá cumprir o seu dever, interessando-se a serio pela sorte de todos os colegas suspensos ou apreendidos pela policia.

* * *

UMA leitora do *Diario de Lisboa* pergunta-nos se Almada Negreiros, emquanto esteve preso, escreveu mais algum capitulo para acrescentar á sua *Invenção do Dia Claro*.

Não lhe podemos responder, embora tenhamos a certesa que o simpatico pintor anda alegrissimo — o que é sinal evidente de que ele descobriu, desta vez, claridade para uma semana, pelo menos.

O seu segundo quadro para a Brasileira, do Chiado, vai ser mais luminoso que um meio-dia de Junho.

* * *

PROCURARAM-NOS algumas pensionistas de sangue, pedindo-nos que chamemos a atenção da repartição das classes inactivas para o transtorno que lhes causa—sobretudo pelas rendas de casa—o atraso de um mês no pagamento das pensões, que primeiro se fazia no dia 21, depois a 30, a 7, e agora a 10.

* * *

DO sr. Jorge Botelho Moniz, que se evadiu do Forte da Graça, em Elvas, recebemos uma carta em que nos diz que a sua fuga é de caracter temporario, pois obedeceu simplesmente á necessidade de cumprir um indeclinavel dever moral, sendo seu proposito apresentar-se á prisão, a fim de compartilhar da sorte dos seus camaradas.

* * *

NO dia 3 de maio, o Sindicato Agricola de Santarem promove uma reunião, no teatro Rosa Damasceno, para que foi convidada toda a viticultura do distrito, a fim de se protestar contra a falada importação de alcool, ruinosa para o Centro e Sul do país.

* * *

NO banco do hospital de S. José, realiza-se no dia 1 de Maio, ás 2 horas da tarde, a 5.ª das conferencia do corpo clinico do banco.

O assunto da conferencia que é do dr. José Paredes, é: «Perfurações gastro-intestinais».

Uma prisão

a proposito dum bailado...

Do distinto maestro sr. Ruy Coelho recebemos a seguinte carta:

Meu caro Alvaro de Andrade:—Sobre a carta de Almada, e entrevista publicada no «Diario de Lisboa», peço te a publicação destas linhas: «Almada Negreiros foi anunciado nos jornais de Lisboa duarante algumas semanas, como interprete do meu bailado, «Princeza dos Sapatos de Ferro». Ensaiou muitas vezes, em S. Carlos, só, e acompanhado, não tendo feito, durante essas dezenas de dias, qualquer desmentido publico, aos meus anuncios. Enretanto, eu organizava o espectaculo, o que significa tomar compromissos sérios com professores de orquestra, as duas ilustres cantoras e sobretudo, com o publico. Somado tudo, tinha sobre mim grandes responsabilidades morais e materiais. Uns dias antes do espectaculo, já no meio da semana da festa, Almada escreveu me uma carta, que possuo, em que declarava não dansar, se a recita fosse em «matinée», e nada mais, não punha n[illegible] [illegible]umas outras condições. Como vi sempre em todos os teatros do mundo as melhores obras em «matinée», e como em S. Carlos o melhor dia que me davam era a «matinée» de domingo, e como o Almada me tinha dito, quando lhe falei em Luiza de Lerma, que não dansaria com ela, afinal a ensaiou durante semanas, resolvi continuar a ensaiar com ele, não dando grande importancia á carta. E ele continuou a ensaiar, depois da carta como viu muita gente, apesar de eu manter a mesma data do espectaculo, até á antevespera da «matinée». Na vespera saiu o «eco» do «Diario». Nessa mesma noite encontrei-o em S. Carlos, á meia noite. Disse me que eu tinha sido feliz em não ter saido a sua carta no «Diario», e foi ao palco combinar os enasios de luz e scenario para o dia do espectaculo, ás 11 horas, do que ha muitas testemunhas. Nessa manhã, fiquei em casa marcando as minhas patituras, e á hora precisa dava a entrada do «Preludio», do «Auto do Berço», aos clarinetes da orquestra, perante um publico numeroso e muito distinto. A seguir, num dos intervalos, o Almada declarou me que não dansava, por isto, por aquilo,... etc., etc., ao que retorqui que o dispensa .. E Almada, no primeiro impulso disse, diante de muita gente, que se a dansarina dansasse, ele rasgaria os scenarios, mas, repentinamente mudou de id ias, pedindo á dansarina que dansasse.

Foi uma contradição muito gentil.

Depois,... eu como autor e proprietario do Bailado, (pois posso dá lo com os bailarinos que quizer e onde quizer), continuei o espectaculo, enquanto o Almada, voluntariamente, se ia entregar á prisão, e acabado o espectaculo fui duas vezes ao Governo Civil, com alguns amigos, tratar de o pôr em liberdade.

Diz, o Almada que eu apareci no Governo Civil de charuto e «frack». Pudéra! Havia de ir mudar de fato? Tinha-me corrido tudo tão bem que até pude dispênsar a sua colaboração, o que não aconteceria se me tivesse faltado, por exemplo, o primeiro trompa, ou uma das cantoras, que não tinha motivos para deixar de saborear um havano, no fim do espectaculo, em que a orquestra tinha sido primorosa na execução das minhas paginas tão dificeis, e o publico tão amavel.

Não tinha ele ido por gosto para a prisão?

Mas, pregunto eu: Que mais se pode fazer a um interprete que desiste de tomar parte num espectaculo, do que o que eu fiz, — dispênsá-lo imediatamente, como se ele sempre tivesse sido dispensavel?

Com esta pregunta fecho o ocioso incidente, lastimando não ter podido satisfazer o tal «reforço do cabo da electricidade de S. Carl[illegible]» como pedia Almada ontem no «Diario de Lisboa», porque não devo esquecer que preciso tambem de reforçar um outro cabo de electricidade, mas esse não é certamente o de S. Carlos, mas o que alimenta a limpida chama que alumia, em minha casa, todas as noites, a minha tranquila e alegre mesa de trabalho.

Isso de «reforçar» o cabo electrico de S. Carlos, não é comigo.

M.to e m.mo obrigado — Teu, *Ruy Coelho*.

P. S. — José de Almada diz que o Bailado tem a sua colaboração. Não é exacto. O argumento, musica, e marcações das figuras é tudo meu, de 1912. Ele coreografo e bailarino, é um executante. Colaboração, considero eu, o libreto da Opera, de Julio Dantas. A admitir o que ele diz, teria de considerar cada interprete, com direitos de autor. — R. C.

A GUERRA DE AFRICA

Mais

reparos

ao livro "Epopeia Maldita,,

de Antonio de Certima

Do capitão-aviador sr. Craveiro Lopes recebemos mais outra carta, que a seguir publicamos, em resposta á que o sr. Antonio de Cértima, autor do livro «Epopeia Maldita», publicou ha dias no «Diario de Lisboa»:

Sr. Antonio de Cértima.—A sua «Resposta» aos meus «Reparos» obriga-me, mais uma vez, a importunar os amaveis dirigentes do «Diario de Lisboa», para justificar a razão das minhas referencias, as quais de fórma alguma são ditadas com a intenção de desacreditar a sua obra, que apesar de rude, se tornava necessaria entre a nossa bibliografia sobre a Grande Guerra.

Simplesmente não estou de acordo com algumas passagens que narra, e sobre alguns juizos que faz, mas como a totalidade dos seus leitores se acha satisfeita, de nada valem as minhas opiniões, que estão muito longe de, pela categoria, pretenderem ter alguma influencia na opinião publica.

Dir-lhe hei, sr. Cértima, que li o seu livro, como soldado que sou, e como soldado o apreciei. Limitei-me a analisar os factos narrados, sem de fórma alguma tentar fazer apreciações sobre o valor do livro, para o que não me julgo com a necessaria competencia.

Li, portanto, o seu livro, como a maioria dos seus leitores o hão de lêr, e assim continuará em mim *esse fenomeno cerebral*, que dá origem a que não veja completa justiça nas referencias feitas ao major Leopoldo da Silva.

E' indubitavel que elas o apresentam como soldado valente, voluntarioso e cheio de audacia, o que seria muito, caso não se referissem a um Chefe; porém as passagens que a seguir transcrevo, dão-me o direito de julgar que o autor se esqueceu, de que estava tratando de alguem, que, como Comandante, tinha o dever de ser ponderado e reflectido.

Para um Chefe, sr. Cértima, não é gloria suficiente, ser valente e ousado!

Escreve a pgs. 153:—«Era o Major de Artilharia, Leopoldo da Silva, visionario incorrigivel, trazendo comsigo, na luminosa coragem, na ode magnifica da sua insensatez marcial, todas as taras de uma raça morta, reflectindo ainda os atavismos guerreiros do louco infante de Alcacer Kibir. Vinha ébrio de sonho. Lembrava um antigo guerreiro . etc.»

Escreve mais adiante na pg. seguinte:—«Causava assombro o inflexivel orgulho do Visionario.»

E terminando o capitulo.—(Na sua «Resposta» antes da segunda transcrição esqueceu-se de escrever o que segue, como consta a pgs. 156):—«Louco? Visionario? Embora. Leopoldo da Silva ficou no meu coração... etc.»

Servi-me como vê de palavras e frases que se lêem no livro, e por isso deixo á sua sua consciencia, que quer ser inflexivel e justa, julgar da razão do meu reparo. A sua evocação do perfil do Rei Desejado, vem mais confirmar o que penso, pois que se me não falha a memoria dos tempos de colegio, aquele Rei tinha todas as qualidades de soldado bravo e audaz, e muito poucas de chefe. E que sei eu, até ultimamente li algures, pretenderem ao contrario do que reza a lenda, que D. Sebastião não morrera gloriosamente em combate, mas sim assassinado sem luta numa embuscada.

Seja como fôr, sinto-me imensamente feliz por *uma obsessão do meu espirito* ter provocado mais uma vez esclarecimentos de publica homenagem ao major Leopoldo da Silva, o qual tendo sido uma das mais belas figuras de chefe militar da ultima guerra, tão pouco é falado, tão pouco é conhecido.

Pusilanime, é sinonimo de cobarde, e eu não posso, de forma alguma, concordar com a frase *rebanho pusilanime* que o sr. Cértima tem a falta de generosidade de lançar sobre os soldados negros. Pelo facto dessas tropas estarem fatigadas, mal vestidas e alimentadas, não é razão para merecerem aquele ultrage.

Nas operações de guerra em Africa, em Coolella, Marraquene, Cuamato, Cuanhama e tantas outras em que o valor dos soldados negros se tem firmado, nunca se marchou e combateu de outra forma.

A guela seca, o estomago vazio, a febre que escalda, a miseria emfim, são males que acompanham sempre uma tropa de Africa.

E chama pusilanimes aos bravos—(que antonymo de pusilanime)—que esfarrapados e atormentados pela sede, se lançam de baioneta ao alto, ao ataque da posição de Kiwambo!!!

E' o tal caso, sr. Cértima, não estou de acôrdo.

Por ultimo para se vingar de que chama, as minhas *traquinices de leitor*, comete a grande maldade de me querer meter á bulha com o Carlos Selvagem!!

Mas eu transcrevi uma frase do seu livro, apenas juntando o esclarecimento, que o homem não era de cavalaria, mas sim do pelotão de infantaria montada, e tenho a certeza que Carlos Selvagem tambem é de opinião, que um soldado de infantaria montado num cavalo... não é soldado de cavalaria.

Velho amigo do C. Selvagem, irmão de armas, e algum tempo companheiro na sua barraca, conhecendo bem o seu valor, seria indigno de mim e acima de tudo injusto, apontar o quer que fosse que o pudesse desgostar.

As ultimas linhas da sua «Resposta» consideram a lamina da minha humilde espada, limpida e briosa Pois bem, de cabeça bem erguida eu abato respeitosamente a minha espada ante a figura valorosa do capitão de cavalaria Carlos Afonso dos Santos.

Não o enfado mais, sr. Cértima Disse clara e lealmente o que pensava sobre os pontos que mais me interessavam, absolutamente convencido que tinha razão.

E para encerrar, permita-me que lhe diga, que me envaideceram as referencias generosissimas, que o severo e ardente autor da «Epopeia maldita» me dirige na sua resposta.

E' este o meu melhor agradecimento.

F. A. Craveiro Lopes

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Ernestina Iglezias da Silveira Viana, D. Inês Pinto Leite da Fonseca Araujo, D. Maria Candida Boto de Carvalho, D. Maria Adelaide Salema Rollio, D. Maria Cristina de Castelo Branco (Belas), D. Maria do Carmo da Costa Lima, D. Maria Emilia Amaral Cabral, D. Marianna de Vasconcelos e Sousa, D. Eugenia Maria das Dores Perestrelo de Vasconcelos e D. Maria Francisca de Castelbranco Ferreira Pinto Basto.

E os srs.:

Conde de Linhares, José Artur Ximenes de Sandoval Teles, Fernando Pimentel da Mota Marques, Eduardo Soares Mendes de Oliveira e Luís de Faria Teixeira Bastos.

—Faz amanhã anos a sr.ª D. Maria do Carmo Prestes da Fonseca, esposa do nosso querido amigo e secretario da redacção do «Diario de Lisboa» sr. Alvaro de Andrade.

A Caridade

Florinhas da Rua

Continua sendo enorme a procura de bilhetes para o grande festival hipico que na tarde de domingo proximo se realiza no vasto campo de obstaculos de Sete Rios, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, a favor das «Florinhas da Rua», na qual será disputada uma artistica taça sendo tão grande o interesse que já se fazem apostas sobre qual cavalo a ganhará, sendo os preferidos os «Vencedor», «Hebaico», «Reginal» e «Gaillard», que mais premios tem alcançado.

«No país do tirismo...»

São desempenhados pelos srs. Luís da Gama e Pedro Paulo de Freitas Branco, os dois «compéres» da revista «No país do tirismo...», que no proximo mês de Maio será representada em recitas de caridade por distintos amadores no S. Luís.

Diplomatas

Suspendeu as suas recepções semanais madame Veretzch, esposa do ilustre ministro da Alemanha em Lisboa.

Baptisados

Em Alcoentre, realizou-se o baptisado de um filhinho da sr.ª D. Beatriz Lobo de Miranda Trigueiros Janela, e do distinto clinico naquela localidade sr. dr. Marques Janela, o qual recebeu o nome de Antonio Luis, tendo servido de madrinha da gentil crianças a sr.ª D. Eliza Marques, tia materna e de padrinho o avô materno o nosso presado colega da imprensa sr. Luis Trigueiros.

—Realizou-se na paroquial igreja de Santa Isabel, o baptisado de um filhinho da sr.ª D. Leopoldina Fitas Ouro e do sr. João da Silva Ouro, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Izilda do Carmo Leitão e de padrinho o sr. João de Azevedo Leitão.

A gentil criança recebeu o nome de João José.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «élite» dará amanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Eden-Teatro, Salão Foz, Cinema Condes e Tivoli, e á noite no S. Luiz, estreia dos celebres cançonetistas francesas Maurice Chevalier e Yvone Vallée, da notavel dançarina inglesa Miss Jeann Carrell e da graciosa «tonadilera» Paquita Alcaráz, e na Avenida, estreia da companhia Armando Vasconcelos, com a excelente opereta «A Bayadera».

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—«Naufragos».
Trindade—A's 21—«As Tangerinas Magicas».
S. Luis—A's 20,30—«La Bayadera».
Avenida—Não ha espectaculo.
Politeama—A's 20,45—«A Massaroca» e «Vem cá, não tenhas medo!».
Apolo—A's 21,30—«Tiroliro».
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Eden—A's 20,45—Variedades.
Salão Foz—A's 20,45—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée».
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua do Alvito.
Salão-Rocio—Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Campolide—Quartas, quintas, sabados e domingos.

Grande excursão a MAFRA, CINTRA E ERICEIRA

Realiza se no proximo dia 3 de Maio, uma excursão a Mafra, Ericeira e Cintra, por Esc. 130$00 por pessoa, incluindo almoço, jantar, etc.: promovida pela secção de turismo da Associação de Classe dos Proprietarios de Automoveis, largo da Trindade, 17, 1.º. A inscrição que tem sido grande, fecha na proxima sexta feira.

Excursão a Paris

Partida, 15 de Maio pelo rapido. «A' forfait» (com todas as despezas pagas) 1:930$00 em 2.ª classe; ou em 1.ª 2:380$00. A Paris, Bruxelas, Anvers 2.ª classe 2:380$00, ou em 1.ª 2:780$00. A Paris, Bruxelas, Anvers, Ostende, Londres 3:950$00. Organisador A Cesar Silva Carvalho, Rua Eugenio Santos, 101 e 103, (defronte do Coliseu) e no Porto no escritorio do sr. Manuel Barbosa, L.da—Rua Mousinho da Silveira, 140 1.º—21.ª serie de excursões realizadas por sua intervenção desde 1901.

PELO TEATRO

A viagem de estudo

DE MARIO DUARTE

A HESPANHA E A FRANÇA

e uma interessante carta do actor francez Alexandre

MARIO DUARTE

Mario Duarte, autor dramatico de merito, tradutor dos melhores dramaturgos europeus e director da revista *De Teatro*, acaba de regressar da sua viagem de estudo a Espanha e a França, onde foi enviado, em missão gratuita, pelo sr. ministro da Instrução.

Fômos ouvi-lo ácêrca da sua viagem e dos resultados obtidos.

E o discutido tradutor de Dario Niccodemi contou-nos:

—O dr. Xavier da Silva, actual ministro da Instrução, antes de ser o politico, ponderado e são, foi autor dramatico dos mais aplaudidos entre os humoristas representados no antigo Ginasio. Daí o interessar-se vivamente pelo teatro, o que não acontece em geral, diga-se de passagem, aos titulares daquela pasta, que não julgam essa parte do seu ministerio de primeiro interesse, antes relegam para ultima instancia tudo quanto com ela se relacione...

—Tirou bons resultados da sua viagem oficial?

—Julgo que dessa minha curta, mas intensa viagem (deixe-me chamar-lhe assim) alguma coisa de bom resultará para a reorganisação do nosso teatro.

—Encontrou grandes realisações, no que respeita a organisação?

—Se encontrei! Nós temos tudo por fazer, tudo. Desde o teatro oficial até ao mais pequeno *cabaret*... E no que respeita então a Sociedades de autores, de actores, estamos perfeitamente em branco. A Sociedade de Autores Espanhoes (foi por aí que comecei o meu inquerito) é uma instituição modelar, como o são o Sindicato dos Actores e os respectivos Monte-pios de uns e outros. Meu amigo, estamos a falar entre portugueses e, portanto, sinceramente: nós estamos, pelo menos, *50 anos* atrazados!

—E os autores espanhoes prestaram-lhe esclarecimentos?

—Amabilissimos. Como sabe ha pouco mandaram-nos aqui um embaixada composta pelos notaveis comediografos Torres del Alamo e Enderiz. Isso só por si representa uma atenção dos nossos visinhos, que não é para esquecer. Pois quando eu lá apareci, a sauda-los e a acolher elementos, abriram-me as suas portas e não houve amabilidades que não tivessem para comigo. Tomás Borrás e Alamo foram os meus companheiros de sempre, os meus *cicerones* Aurora. Jauffret, a nossa querida artista *La Goya*, quiz-me em sua casa. Fui recebido em plena sessão da *Junta Directiva* da Sociedades de Autores, presidida pelo grande dramaturgo D. Manuel Liñares Rivas. Tive a honra de ser obsequiado com um almoço no Palace a que assistiu o nosso ministro.

—E quanto á acção do sr. Melo Barreto?

—Sobre esse ponto, não ha palavras para relatar os factos. Melo Barreto recebe na Legação de Portugal, como um principe. E o prestigio do nosso ministro, provado exuberantemente por todas as fórmas (haja em vista a visita recente dos Reis de Espanha á Legação de Portugal) reflete-se na maneira acolhedora como o *portuguesismo* ganha terreno na terra visinha. A ele devo, pois, tambem o grande exito conseguido na minha missão. Melo Barreto ofereceu-me um jantar intimo.

—E a respeito das peças portuguesas traduzidas em Espanha?

—Tenho varios pedidos para varios autores, e os nossos colegas espanhoes, posso assegurá-lo, vão trabalhar com tanto amor na representação do nosso teatro, como nós trabalhamos no deles. Para concluir, no que se refere a Espanha, devo dizer-lhe que fui entrevistado por Valentin de Pedro um distinto jornalista e escritor, tradutor de muitas obras portuguesas. A entrevista é de 2 colunas de alto a baixo em *La Libertad* de Madrid, do dia 17 de Abril.

—Depois, em Paris, o que conseguiu de bom para nós?

—Em Paris, onde trabalhei vertiginosamente, encontrei um grande amigo de Portugal que fez com que a minha missão tivesse ótimos resultados no pouco tempo que ali estive: foi Renée Alexandre, o ilustre societario da *Comedie Française*. De passagem, é bom que fique retificado que tudo quanto se quiz pôr em duvida sobre o sentimento de estima e de profunda amizade desse grande actor francês para comnosco, é apenas filho de um momento de exaltação de um nosso compatriota e amigo, que certamente já reflectiu...

—De que se trata?

—Deixe-me recordar-lhe que Alexandre e Madame Robine, sua esposa, quando em *tournée* em Portugal, não se limitaram a receber os favores dos que no nosso paiz sabem receber como, aliás, fazem todos os outros artistas que nos visitam, antes foram duma grande gentileza para comnosco, brindando a critica com um banquete e indo para o seu paiz dizer que Portugal existia e que o seu publico, os seus jornalistas, os seus empresarios, eram realmente alguem. Recortando da *Comédia* de 12 de Abril de 1924, do que disse Alexandre, é bom deixar transcritas as seguintes palavras, entre tantas amaveis: «La comprehension du public de Lisbonne est aussi fine que celle du meilleur public de la *Comedie Française*.» Portanto, é bom que se saiba que o creador do *Tombeau sous l'Arc de Triomphe* é um grande amigo de Portugal, e para tudo ficar esclarecido, sem que se tenha de melindrar ninguem, peço que, no fim da minha entrevista, dê a carta que Alexandre me dirigiu logo que cheguei a Paris.

—O societario do Teatro Francês facilitou-lhe a sua missão?

—Enormemente. Visitei, com ele, todas as associações francesas, falei com autores, actores e actrizes, fiquei em comunicação com todas as entidades. E fez mais: propoz-se a ler em pleno *Comité de Leitura* do seu teatro, as peças portuguesas que eu lhe entregasse, traduzidas no seu idioma. Já estive com o dr. Julio Dantas, pedindo-lhe a versão francesa da sua *Ceia dos Cardeais*, a fim de, após a leitura, ser representada no Teatro da Comedia Francesa. E a seguir, com tão bom padrinho a dentro daquela casa de Arte, hei-de diligenciar que um dos nossos grandes autores mortos, Marcelino ou D. João, tenha uma das suas obras tambem representadas ali.

E Mario Duarte, entusiasmado com o seu incontestavel triunfo, remata:

—Meu amigo, tudo isto é um pouco obra da minha revista, modesta, simples, mas que trabalha sempre pelo engrandecimento do nosso teatro, por intermedio dos seus colaboradores. Desta vez fui eu. Amanhã, será outro.

* * *

A seguir damos a carta que Alexandre dirigiu a Mario Duarte:

«*Meu caro amigo:*—Sinto-me satisfeito porque a sua passagem oficial em Paris me dê ocasião para pôr a claro a historia do *Tombeau sous l'Arc de Triomphe*. E' preciso que se saiba, antes de tudo, que Mr. Paul Reynald, o autor da citada peça, na intenção de me provar a sua amisade, estipulou no contrato com o encarregado dos seus interesses que, tanto em França como em qualquer outro país, para as representações em lingua francesa, eu teria direito absoluto de fiscalisação sobre as distribuições dos respectivos papeis.

O meu amigo bem sabe que, ha um ano, quando da minha agradavel passagem por Portugal, minha mulher e eu, tinhamos a intenção de dar o *Tombeau sous l'arc de Triomphe*. Nesse momento o Governo francês pediu-me e depois deu-me a ordem, de me abster de representar a peça fóra de França. Esta interdição prolongou-se durante um ano.

Creio que o meu amigo conhece as noites tumultuosas que tivemos na *Comedia-Francesa*, e qual a fadiga que eu tive de suportar certas noites para levar a peça até final. Emfim, tinha a certeza de que havia feito o papel de *Soldado* suficientemente bem aos olhos dos meus camaradas, para que nenhum deles se permitisse, quando fosse levantada a interdição, apropriar-se desse papel sem mesmo se dar ao trabalho de me informar por uma frase delicada de colega. Por isso fiquei surpreendido de que Mr. Jean Hervé, cujo societariado data de 3 meses, e que era, portanto, a quando do incidente, simples pensionista da *Comedia-Francesa*, quere dizer, meu empregado, e que por isso mesmo deveria ter mais consideração, que Mr. Hervé—disse—pensasse em realisar o meu papel em Portugal.

Soube-o apenas uma noite, perfeitamente por acaso, quando o sr. Ferreira se encontrava na *Comedia-Francesa*. Soube que este senhor servia de intermediario para as representações de Mr. Hervé. Comuniquei-lhe, então, o meu espanto e ao mesmo tempo a minha decisão de não suporter uma combinação que me causava, fóra de toda e qualquer questão moral e artistica, uma desagradavel surpresa, e participei-lhe que não cederia a Mr. Hervé, a honra de representar em Portugal o *Tombeau*, considerando que essa honra constituia para mim um direito a que tudo, continuo a acredita-lo, me dava direito.

Afastei-me depois um pouco, quando o meu amigo Asti d'Esparbés, do jornal *Comoedia*, que acabava de assistir á nossa discussão, me veiu procurar indignado para me informar que o dito sr. Ferreira acabava de lhe dizer:

«Se mr. Alexandre recusa a mr. Hervé o direito de representar o *Tombeau* em Portugal, farei no meu país uma tal campanha contra ele, que nunca mais poderá lá voltar!»

Ouvindo isto, exaltei-me e puz o referido senhor fóra da porta do meu teatro, duma maneira bastante dura, reconheço-o, para que não guarde da nossa entrevista uma recordação agradavel.

Tratei, como ele, merecia uma pessoa cujos propositos me não agradavam. Agora se esse senhor pretende que tratando-o duramente, tratei assim todo o Portugal e todos os meus amigos portugueses, deixe, meu caro amigo, que me ria. Isso seria verdadeiramente espantoso!

Desafio quem quer que seja, a afirmar que eu não gosto do vosso país, meu caro amigo, quasi tanto como do meu, tanto pela sua beleza natural, como pela compreensão tão delicada de tudo quanto se refere á Arte francesa. Como poderia eu levar a minha ingratidão e a minha estupidez até ao ponto de não me sentir ainda hoje comovido pelo acolhimento que os portugueses nos fizeram ha um ano! Mas que, para servir os interesses de uma pessoa, eu consinta um roubo feito á minha propriedade artistica? Que eu prive os meus amigos Loureiro e Pina, do prazer de fazerem representar, no teatro Trindade, o *Tombeau sons l'arc de Triumphe*, que eles desejavam pôr em scena comnosco ha um ano?

Não, mil vezes, não!

Embora um português pretenda, inutilmente, estou convencido, destruir tudo quanto eu conto, em Portugal, de verdadeira amisade, tudo quanto eu guardo, no meu coração, de gratidão pelo acolhimento do publico e da *Associação dos Trabalhadores de Teatro*, embora esse individuo morra de despeito, isso não me impedirá de voltar ao seu belo país logo que o meu serviço na *Comédia Francesa* m'o permita, e de crear, no teatro do sr. Loureiro, o *Tombeau* e outras peças nossas, em companhia de minha mulher.

De tudo quanto lhe possam dizer que não seja isto—suplico-lhe, meu amigo—faça como eu, ria, ria!...

Você, que está no numero dos portugueses que eu estimo e que eu considero, dê-me as suas mãos, para que, apertando-as, aperte as dos meus muitos amigos de Portugal.

Seu

R. Alexandre.

(Societaire de la Comédie Française
Presidente de l'Association des
Comédient Combatents).

O CINEMA DE ARTE

"O DIVORCIO E O AMOR,,

BABY PEGGY

a mais pequena creança que até hoje tem aparecida no «écran» pois conta apenas 4 anos

Uma das mais belas teses, defendidas até hoje na cinematografia e no teatro de costumes, é, sem duvida, aquela que se espraia na formosissima comedia «A lei prohibe», a joia «Universal» que o Cinema Condes está exibindo com enorme sucesso. Tudo nesta obra de arte é verdadeiramente encantador. O tema tem um vigoroso recorte e inteira novidade de efabulação, os artistas encarregados dos principais papeis, são de grande envergadura e sobresai a todos o trabalho maravilhoso da genial Baby Peggy, um verdadeiro assombro, a mais pequena creança que até hoje tem aparecido no «écran» pois conta apenas 4 anos e se mostra uma deliciosa actriz com plena segurança do «metier», mostrando ao mesmo tempo que não receia confronto com nenhum dos pequenos grandes estrelos da cinematografia. No mesmo programa tambem se exibem os grandes sucessos «Mandrim» e «Boxeur aristocrata», os maiores exitos em «films» de série até hoje exibidos em Portugal. E' uma grande e bela selecção de programas a do Cinema Condes.

A Cidade

Chá das cinco

Amanhecer

Já um dia afirmei que Portugal, terra de grandes poetas, não conseguiu ter ainda uma grande poetisa. As mulheres são, por natureza, mais inspiradoras do que creadoras — e Rosalia de Castro, a divina musa galega, e Marceline Valmore, a grande lirica da França, são casos milagrosos e, por isso mesmo, excepcionais. Junte-se a estas a poetisa Safo, a inglesa Browning, de inspiração portuguesa quasi, e a mistica Santa Teresa, autora do mais belo soneto de todo o mundo, e fica exgotada a grandeza da lira feminina.

Mas se a nossa alma não teve ainda o condão de criar uma grande interprete feminina dos seus desvarios e enlevos — algumas poetisas, no entanto, vão surgindo, umas com uma explendida metrica — e não são as que me interessam — outras com lampejos de sinceridade e versos desgarrados que revelam, nas suas criadoras, uma desejada existencia de vibração poetica.

Pertence ao numero destas ultimas a poetisa Maria Helena, autora do livro *Amanhecer*, que ha dois ou três dias me chegou ás mãos como uma primavera, em flôr, desabrochando.

Maria Helena não deve querer que eu lhe minta afirmando-lhe que o seu livro é uma maravilha. Mas tambem faltaria á verdade se dissesse que *Amanhecer* não tem frescura, expontaneidade, emoção.

Maria Helena, que é muito nova ainda, revela no imperfeito deste seu primeiro livro uma alma adivinhadora, atenta aos misterios da vida. Basta ler o soneto *Lua cheia* — a mais *poetica* composição do livro.

De resto, só uma alma, uma sinceridade em vibração, é capaz de escrever versos como este: *E canta a voz de Deus nos passarinhos.*

Saiba Maria Helena resgatar-se de certos momentos inferiores da vida mundana — e conseguirá, deixando falar livremente o seu instinto de mulher, criar obra poetica de valor que o futuro definirá!

Alves Martins

Três novas artistas

que se estreiam brevemente em Lisboa

E' já na proxima semana que se estreará no *Bat-Tabarin*, da rua da Gloria, a galante e incomparavel *tonadillera* e eximia bailarina Lucrecia Torrabla, cujo aparecimento está sendo aguardado com grande anciedade.

Estão tambem contratadas Angelita Orellana e Rosa Marina, que em *couplets* alegres e danças regionais são duas artistas de grande merito.

O *Bat Tabarin* continua sendo o preferido do publico que deseja passar umas horas alegres, encontrando ali tudo o que lhe possa proporcionar a fantasia e a comodidade, achando-se aberto das cinco horas da tarde á meia noite.

Lotaria de hoje

Número	Prémio	Número	Prémio
699....	300.000$00	3647....	2.000$00
3173....	50.000$00	5845....	2.000$00
2831....	15.000$00	6047....	2.000$00
256....	2.000$00	7802....	2.000$00
1091....	2.000$00	8985....	2.000$00
2791....	2.000$00	9404....	2.000$00
2882....	2.000$00		

CATALOGOS

Recebemos dois interessantes catalogos dos Grandes Armazens du Printemps, de Paris.

"FOOT-BALL,, INTERNACIONAL

Comentarios

ao desafio de ontem no "Stadium,,

entre o "Club Atletico Paulistano,, e um grupo mixto lisboeta

A formidavel diferença de «goals» que separou ontem a «équipe» do Club Atletico Paulistano do «onze» mixto lisboeta formado «ad hoc» pelos organizadores — tomou as proporções dum desastre.

Cabe á direcção do Casa Pia Atletico Club uma responsabilidade enorme no mal que a derrota de ontem por 6—0, pode acarretar para o «foot-ball» português.

A braços com dificuldades creadas na parte administrativa e comercial do cometimento, para esse lado se voltaram metade dos esforços dos organizadores. A outra metade dirigiram-na eles para a consecução da vinda dos brasileiros a Lisboa. Nada ficou para cuidar da parte desportiva do encontro!

Quando, perante obstaculos que se lhe levantaram para a realização do jogo, o «Casa Pia» se julgou perseguido, lamentando-se por não poder dizer de sua justiça em letra redonda de muita leitura, a alguns dos seus dirigentes eu fiz a oferta destas colunas para exposição das suas muitas razões.

Sobra-nos por isso autoridade para dizer que acusação de Bolsa de Comercio feita á Associação pelos «casapianos», é uma espada de dois gumes que agora pode retalhá-los conforme o bel-prazer de quem a queira manejar.

Por um mal entendido lamentavel de uma comunicação telefonica, chamou-se ontem aqui ao grupo que defrontou o Paulistano: «uma selecção portuguesa». O emprego da palavra «selecção» é neste caso um sarcasmo amarissimo para o «association» da nossa terra.

Se os «seleccionadores» do Casa Pia quizeram fazer aos nossos hospedes uma surpreza agradavel — um intermedio comico a fechar-lhes a «tournée» — conseguiram amplamente o seu designio.

Aquela manta de retalhos, formada por elementos aparentemente sorteados entre o club organisador e o segundo e o ultimo classificados do campeonato da série A, ofereceu á multidão — como dizia René Herbert — uma hilariante parodia do «Miracle des Loups». Com uma arte consumada, falharam a bola sempre que quizeram — e até quando o publico que não estava avisado, não teria querido...

Infelizmente, parece que os organizadores se esqueceram de prevenir os brasileiros. E estes artistas, tomando a sério as facecias decopilantes do «Mixto», esforçaram-se por passar — como artistas — pelo buraco aberto...

Os «seleccionados» falharam o que quizeram, com um ar levemente contrito, com uma constancia que seria comovedora se nós não pudessemos pensar que era premeditada. Conseguiram, e com muita habilidade, fazer esquecer que davam uma ideia do «foot-ball» lisboeta. Poderiamos jurar ter assistido á estreia duns «infantis» — e ainda: duns «infantis» que não tivessem as menores disposições para o desporto da bola. Foram, simplesmente: admiraveis.

* * *

O «scratch» paulista, conquanto tivesse feito «cavalier seul», deixou-nos uma impressão inesquecivel.

O «guarda-rede» Kuntz, no pouco que teve a fazer, mostrou-se digno do seu renome de «internacional».

Bartho foi um defeza extraorlinario. Depois de Frana o formidavel «back» tcheco, não vimos jogador estrangeiro que tanto nos agradasse naquele logar. Bartho enfilaria sem desdouro ao lado dos nossos grandes defezas — e alguns temos grandes — com um estilo muito seu e em tudo diferente do dos nossos. Clodoaldo, mais sobrio, acompanhou-o sem dificuldade...

A linha de «medios» é o ponto fraco da «équipe». Jogou á vontade com o seu ataque, mas não logrou convencer-nos. O melhor foi Sergio.

Para apreciação do quinteto dianteiro, não chegaria uma pagina.

Fizeram coisas espantosas. Os seis «goals» que obtiveram foram formidaveis. E ainda a trave defendeu á sua conta dois «shots» fulminantes.

Dizia-me um afamado tecnico que eles «manejavam» a bola como queriam. Apesar da afirmação meter, um pouco..., as mãos pelos pés — ela consegue ser admiravel porque, de facto, eles trabalham a bola com os pés, como se fosse com a mão.

Filo e Mario são uma asa formidavel. A outra asa não é menos perigosa. E entre as duas, Friendercick — «o Tigre» como lhes chamam os uruguayos — brilha como estrela maior, «az» dos «azes» entre os «centes-forwards».

C. S.

NO TEATRO S. LUIZ

Estreiam-se ámanhã

MAURICE CHEVALIER

Ivonne Vallée, Paquita Alcaráz e miss Carroll

Entramos pelo começo da tarde no Teatro São Luís. No palco, ao estridor dos metais, «miss» Joan Carroll, figurinha preciosa da elegancia ultra-moderna, termina o ensaio do ultimo «fox-trott» em voga. Gemem depois os violoncelos uma fantasia em voga. E a endiabrada inglesinha de ha pouco, ritmica, ondulante, transforma-se milagrosamente. O misterio dos seus braços longos desenha curvas e atitudes, na plena posse duma tecnica elogiada e ensinada por Diaghilew, o grande mestre russo.

Chega agora ao Teatro o astro inimitavel do Teatro ligeiro. Maurice Chevalier é aquela cara simpatica e risonha que as edições «Salabert» espalham ha anos por esse mundo. Alto, forte, figurino ideal do celebre Barclay, fala-nos com a sua alegria captivante.

—Ha quanto tempo desejo vir a Portugal! Promessas sempre adiadas... Os meus contractos de Paris apenas me têm consentido fugas rapidas a Londres e Viena.

—Como conseguimos então vê-lo agora?

—Tendo de ir á Argentina resolvi vir a Lisboa tomar o vapor, demorando-me uns dias entre este publico tão carinhoso para os artistas franceses.

—Que impressões?

—As melhores. Um sol alegre. Gente amavel que me compreende e me responde, como se todos viessemos da rue de La Paix...

Do lado, olhos vivos, graciosa e saltitante, Yvonne Vallée, a companheira celebre do grande artista, tem palavras lisongeiras para a magnifica orquestra, especialmente organizada para estes espectaculos.

Em scena, melodia triste e vibrante de amor, a voz suavissima de Paquita Alcaraz traz-nos a Espanha dolorida. Soluça nos violinos um coração ferido...

O TEATRO PORTUGUEZ

SUBIU

á scena no Nacional

o drama "Naufragos,, de D. Fernanda de Castro

Numa entrevista concedida ao *Diario de Noticias*, a sr.ª D. Fernanda de Castro confessa com uma rara sinceridade: «tenho a certeza de que fiz um trabalho honesto, que me deixa a bem com a minha consciencia». De facto, a peça com que a ilustre poetiza se estreou ontem no Nacional, reveladora de uma incontestada sensibilidade dramatizadora, é uma interessante expressão scenica de um conflito passional, enquadrado num ambiente algarvio. E' um drama de paixão teatralizado com fulgurante expontaneidade, quasi sempre de uma marcante contensão emotiva, em que a travação do dialogo, correntio-pitoresco, sem ressaibos de cerrado regionalismo, e o desenrolar da acção, natural e humano, se casam num equilibrio assinalavel. Se o primeiro acto tem um recorte pitoresco, pinceladas de côr, traços impressivos de passagens de almas sinceramente rudes e boas, o segundo é construido com uma sobriedade, um sentido teatral e uma segurança tecnica, que afirmam, não uma tentativa, mas uma realização. O terceiro acto, pela forma como é conduzido, pelo forçado recurso ao «indirecto», pela movimentação fragmentaria de algumas figuras e ainda pelo embrechado de certos episodios interiores, que são o reflexo da acção exterior, é, por vezes, dispersivo. Como quer que seja os «Naufragos», que a plateia de hontem aplaudiu com calor, com vibração, afirmam da parte da sr.ª D. Fernanda de Castro um temperamento de dramaturgo, de uma marcante expontaneidade, sem pruridos de escolas e de processos, sem arremedos de psicologia «au rabois». E' na expressão da autora «um caso interessante posto em teatro, sem preciosismos romanticos», erguido com uma honestidade e um «savoir faire» que ha que registar com louvor e com justiça. Ao que parece, o drama tinha, pelo menos, duas soluções.

A sr.ª D. Fernanda de Castro escolheu a mais teatral, que é, ao mesmo tempo, a mais humana. Acresce que a nota final, tem beleza, e tem intenção. Os scenarios de Leitão de Barros, têm côr, têm pitoresco, criam ambiente e merecem ser assinalados como uma interessante expressão «mise-en-scenica», digna mais do que dum incentivo, dum aplauso. Faço, no entanto, reserva ás arvores do 2.° acto, uns ciprestes, um tanto ou quanto convencionais. A marcação de Rafael Marques muito acertada, cheia de movimento, de expressão, de pitoresco. Ha que fazer um reparo á maneira como, principalmente as segundas figuras, pretendem marcar uma variante dialectal, que quebra o ritmo da representação. José Ricardo compoz um admiravel tipo de pescador, perfeito, soberbo de expressão, de caracter. A Ilda Stichini, que mercê de circunstancias varias, tem tido nesta epoca um trabalho extenuante, exaustivo, em peças que puzeram á prova as suas raras e esplendidas qualidades de comediante, fóra do seu «emploi» em que é mais notavel, coube ontem a protagonista, que desempenhou com uma bela e expressiva emoção, sem um grito, sem um destrambelho de nervos. Albertina de Oliveira desenhou o seu tipo episodico, que pena é se não desdobre nos actos seguintes, com observação, com verdade, vivendo bem o persogem. Outro tanto não direi de Palmira Torres, com pouca convicção. Em outros papeis, Emilia Fernandes e Elisa Carreira. Rafael Marques agradou-me mais no 1.° acto, em que viveu com relevo o seu tipo, do que na scena do 3.° acto, em que, apesar do colorido da sua voz de bom timbre, houve uma tal ou qual precipitação. Ribeiro Lopes, desenhando com inteligencia o «Conchinhas», vincou, porém, por vezes, a expressão dialectal. Parece-me tambem que Henrique de Albuquerque poderia dar ao padre um mais acentuado tom de bonhomia.

J. de O.

A Cidade

O RIVAL DE DEMPSEY

FIRPO

o famoso "boxeur" passou ontem em Lisboa e falou ao nosso jornal

El señor Luis Angel Firpo, cognominado em toda a America como «El Toro de los Pampas», campeão de «box» da America do Sul, esteve ontem em Lisboa.

O rival de Jack Dempsey, e que com ele se bateu o ano passado, num «match» que encheu as colunas dos jornais de todo o mundo, passou no Tejo a bordo do «Flandria» e desembarcou para ir ver os seus camaradas brasileiros no desporto, baterem-se com portugueses.

Acompanha-o uma outra preciosidade argentina: «miss» Blanca Lourdes, que o governo americano celebrisou não lhe permitindo a passagem das suas fronteiras. A aventura correu mundo. A gentil «miss» tornara-se companheira inseparavel do campião, que a quiz levar a assistir ao seu ultimo combate nos Estados-Unidos. A policia americana, avisada a tempo pelo reverendo Muldoon, hasteou uma bandeira de moralidade que deixou Firpo confundido. Debalde o campião afirmou necessitar dos serviços de «miss» Blanca como... datilografa. As ordens eram inflexiveis e Firpo entrou sósinho em New York.

Mas... diz-se que quando o campião disputava a soco a sua «chance» no «ring» do «Polo Grounds», uns olhos queridos o seguiam anciosamente de determinado ponto da sala. E acrescentam que esse capricho do gigante argentino lhe custou grande parte da bolsa que ganhou no combate... e que era de meio milhão de dollares.

Firpo é massiço de musculos, com dois metros de altura, e periferia em proporção. Mal encarado, focinho de «bull-dog», boina bem enterrada na cabeça — falas poucas, ou antes: resmunga pouco.

—Aonde se destina senhor Firpo?

—A' Argentina. Vou descançar para a minha terra. Não tenho adversarios.

—Até quando...

—Até Setembro. Devo então combater o espanhol Paolino, em San Sebastian.

—Dempsey...

—Dempsey é formidavel. Será o campeão durante muitos anos. Gibbons e Wills hão de ser batidos como eu fui, em dois «rounds».

—Quando volta ao treino aturado?

—Só em Julho. Até lá dedicar-me-hei ao negocio de automoveis a que dei grande expansão em Buenos Aires.

—Que impressão lhe deixa a nossa terra?

—Muito agradavel. Penso em voltar por aqui quando tiver que ir para San Sebastian e talvez faça umas exibições em Lisboa...

E o «señor» Luis Angel Firpo, bom profissional, tratou por sua vez de interrogar-nos largamente sobre a lotação e possibilidades das casas de espectaculo lisboetas...

Tauromaquia

Em Algés

Promovida por um grupo de antigos e actuais alunos do Liceu de Passos Manuel, realiza-se no sabado proximo, 2 de Maio, ás 4,30 da tarde uma grandiosa garraiada de beneficencia cujo produto reverterá a favor do «Cofre dos Estudantes Pobres».

Das pastagens da «Sociedade Agricola de Oeiras» veem 6 garraios puros, que irão suavemente acariciar os valentissimos e sapientes lidadores.

Haverá cavaleiros, bandarilheiros, pegadores, campinos, carecas cabeludos, papagaios e outros mamiferos.

Dirige obsequiosamente a corrida o sr. Eduardo Perestrelo de Vasconcelos.

Por especial deferencia coadjuvam a lide distintos amadores e profissionais. Haverá intervalos comicos continuos e surpresas variadissimas.

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

A resposta

de Quirino de Jesus a Cunha Leal

sobre o convite feito a Raul Esteves para entrar numa revolução

Procurámos hoje o sr. dr. Quirino de Jesus para ouvirmos a proposito do que disse ontem no Congresso o sr, Cunha Leal, relativamente a um convite que o sr. dr. Quirino de Jesus teria feito ao sr. tenente-coronel Raul Esteves—na confidencia deste—para este oficial entrasse num movimento militar a favor do governo do sr. dr. José Domingues dos Santos.

Aquele senhor acabava de enviar ao sr. dr. Pestana Junior uma carta, que visa esclarecer o assunto, e que certamente será hoje lida no Parlamento. E' uma respasta indirecta ao sr. Cunha Leal.

—O que lhe posso informar—disse o sr. dr. Quirino de Jesus—está já na carta. Em todo o caso, se deseja esclarecer o publico, repetir-lhe-hei o escrito. A verdade é que lamento ver-me envolvido nestas cousas de politica. Não sou politico, nem republicano nem monarquico. Acusam-me até de reaccionario, Sou um homem guiado por ideias superiores, que visem a ajudar o país a salvar-se. Fiel aos principios de toda a minha vida de trabalho e de estudo, aferrado ás ideias que são base em todas as sociedades organizadas—sou contudo um homem do meu tempo...

—Sobre o assunto tratado pelo sr. Cunha Leal?

—Fiquei surpreendido. Alheio a qualquer partido, eu só tinha relações, por circunstancias muito especiais, com dois membros do governo do sr. José Domingues dos Santos: o ministro da Agricultura, meu companheiro de propaganda reformadora; o ministro das Finanças, madeirense como eu, e velho amigo, que me pedira, em alguns assuntos da sua pasta, uma certa colaboração, extranha á politica e prestada dentro de limites restritos, e não com a latitude inculcada por muitos.

—Falou V. Ex.ª com o sr. Raul Esteves?

—Eu lhe conto. A verdade é que nunca nenhum dos ministros de tal governo, ou qualquer outra pessoa, me pediu que falasse, *em qualquer sentido*, ao sr. Raul Esteves. Nem tão pouco, de conta propria ou alheia, lhe exprimi o pensamento que se deduziria das palavras do sr. Cunha Leal.

E rememora:

—Num dia de dezembro ultimo conversei realmente com o sr. Raul Esteves. Mostrei a urgencia de se realisarem ideias largas e profundas de reforma financeira, e economica e social, e de fomento, segundo certas aspirações que dominavam o programa do governo, tanto os males do tesouro, da moeda e da banca e as decadencias da produção, da riqueza e da população ameaçavam destruir a solidariedade dos portugueses e os destinos do país. Acentuei a necessidade absoluta de ser apoiada uma tal governação renovadora por todos os elementos mais interessados na salvação publica e especialmente pelo exercito, contra quaisquer tendencias ou correntes opostas, evitando-se revoluções ou movimentos contrarios a uma obra de reorganisação daquela natureza, que, para mim, era e é um objectivo superior a todas as considerações politicas.

Acrescentou:

—Esta conversa não incluia nenhuma proposta de qualquer indole, que fosse recusada ou aceita. Não foi seguida mais nenhuma. Nem a comuniquei nunca a nenhum dos ministros meus amigos ou a qualquer outro, por não haver motivo para isso. Apenas por lamentavel erro de interpretação, na propria origem, ou em transmissões posteriores, que eu desconhecia, lhe podem ter atribuido significação diversa. Nem pedi a iniciativa de um movimento militar a favor do governo, ou com fim diferente, nem quiz dar a entender que, na falta de tal apoio, o ministerio buscaria ou teria o de campos avançados ou revolucionarios.

O sr. dr. Quirino de Jesus diz-nos agora:

—Um homem na minha idade e na minha situação não póde desmentir constantemente coisas que correm a seu respeito. Mas trata-se agora de um caso grave. Na carta que enviei ao sr. dr. Pestana Junior «fica tudo respondido».

E acrescenta:

—De resto, a ilusão deploravel desmancha-se por si. Para que em vez dela se tratasse de uma realidade «seria simultaneamente necessario que eu houvesse exercido a missão imputada, sem obrigar a nobreza do sr. Raul Esteves ao segredo proprio do assunto, ou que o autorisasse a fazer comunicações a terceiros inclusivamente para quaisquer efeitos molestos, não só contra os homens do Governo, ainda que não estivessem entre eles dois amigos, mas, tambem, acima de tudo, contra mim mesmo». Seriam muitas condições juntas contra a verosimilhança, ainda quando o interlocutor do sr. Raul Esteves não tivesse a minha idade e a minha situação.

Pelos teatros

«Rataplan!»

Tendo sido alterado o horario imposto pelo decreto da suspensão de garantias para as duas horas da madrugada; realisa-se amanhã, no Maria Victoria, a estreia em duas

LAURA COSTA

sessões, com inicio ás 9 horas da noite, da revista «Rataplan!» de «Gregos e Troyanos», desempenhando nela sete variados papeis a gentil «divette» Laura Costa, que exibirá egualmente os mais belos trajes e fantasias.

Atrás do reposteiro

A companhia Lucilia Simões Erico Braga, que hoje se despede do publico de Coimbra com a peça «Mademoiselle Pascal», reaparece depois de amanhã no teatro S. Carlos com a peça «O Sinal de Alarme».

—A festa artistica da novel actriz Maria Helena, que se realizou recentemente no Sá da Bandeira, do Porto, com as peças «Era uma vez uma menina...» e «Rosas de todo o ano», decorreu cheia de alegria e brilho. Maria Helena faz o seu debute em Lisboa, no dia 5 de Maio, no teatro Avenida.

—A A. C. T. T. pede-nos a publicação da seguinte informação:

«A Direcção da A. C. T. T. previne todos os seus dignos consocios filiados no Nucleo de Actores e Actrizes, que entra em execução no proximo dia 2 de Maio o decreto n.º 9764, devendo, por isso, os artistas que requereram as suas licenças, por intermedio da A. C. T. T. dirigirem-se imediatamente á sua sede, munidos da quantia de 187$50, importancia da sua licença.

Os que se encontrem na provincia poderão enviar a referida quantia em vale de correio.

Exceptuam-se os artistas que estejam desempregados, os quais a podem tirar só quando tenham que exercer a sua profissão».

—Inicia depois de amanhã a sua «tournée» pela provincia, estreiando-se na Amadora, a Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, cujo reportorio é constituido pelas peças «O Homem que marcha», «O Papá Lebonnard» e «O Abade Constantino».

—A Companhia do Teatro Nacional representará, no Sá da Bandeira, do Porto, entre outras, as seguintes peças originais: «Ingleses», peça de estreia, no dia 5 de Maio; «Naufragos», «O Crime de Arronches», «Pasteleiro de Madrigal», «Ave de Rapina», «Auspicioso Enlace» e «Dentro do Castigo».

—Despedem-se ámanhã do publico de Lisboa, no Eden-Teatro, os artistas que constituem a «Troupe dos Bailados Russos Eltzoff», realizando todo o espectaculo com um programa todo de bailados classicos e modernistas.

—Amelia Trajano, desempenhará na peça «Knock», em ensaios no «Teatro Novo», o papel de uma fidalga provinciana.

—O elenco da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que se estreia, no dia 5 de Maio, no Avenida, é assim constituido:

Actrises: Maria Matos, Maria Helena, Bertha de Albuquerque, Leonilda Pereira, Alice Athaide e Clotilde Mendes; actores: Mendonça de Carvalho, Silvestre Alegrim, João Lopes, Antonio Palma, Pereira Arriaga, Betencourt Athaide e José Miranda.

—A companhia Armando de Vasconcelos, que ontem representou no S. Luis a opereta «Bayadera» repete hoje ali a mesma peça, mas de ámanhã em deante passa a exibi-la no teatro Avenida, mantendo-se ali até ao dia 3 de Maio.

—A companhia Satanela-Amarante levará para a sua «tournée» pelo país dez das melhores peças do seu reportorio.

TEATRO DE S. CARLOS
TELEFONE C. 3068

SEXTA-FEIRA, 1 de MAIO

O Sinal de Alarme

Grandioso exito da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga na actual temporada

TEATRO NACIONAL
Telef. N. 3049

HOJE, ás 9, RECITA DA MODA com a interessante peça regional

NAUFRAGOS

ORIGINAL DE

FERNANDA DE CASTRO

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876

HOJE, ás 21

A peça de grande espectaculo

AS TANGERINAS MAGICAS

Exito inegualavel — Absoluto triunfo

2.° andar

na rua Garrett, com telefone, electricidade, optimo para escritorio comercial, consultorio de advogado ou medicos, dentista ou alfaiate, trespassa-se com autorização do senhorio. Renda modica. Cartas a este jornal ao n.° 15.

Joaquim Moreira Rato

Declaração

Constando que alguem falsifica a minha assignatura e que terá por isso facilidade em conseguir com ela qualquer desconto no Banco ou em particular, declaro que não tenho qualquer letra assignada por mim e se alguma aparecer a assignatura é falsa.

Lisboa, 29 de Abril de 1925.

Joaquim Moreira Rato

(segue o reconhecimento)

COMPANHIA DE SEGUROS "Garantia"

Sociedade Anonima Responsabilidade Limitada

Capital realisado 1.000.000$00 (Um milhão de escudos)

Assembleia Geral Ordinaria

Convido os srs. accionistas para a reunião da assemblêa geral ordinaria que terá logar no dia 30 do corrente mez, pelas catorze horas (duas horas da tarde) no edificio da mesma Companhia, á Rua Ferreira Borges, 37, para d'acôrdo com os artigos 37 e 38 e suas alineas, dos Estatutos se discutir e votar o relatorio, balanço, contas da Administração e Parecer do Conselho Fiscal e se proceder á eleição dos cargos da Companhia.

Ficam á disposição dos Srs. Acionistas os livros e mais documentos comprovativos, no escriptorio d'esta Companhia.

Porto, 8 de Abril de 1925.

O Presidente da Assemblêa Geral

(a) *Antonio de Albergaria Castro e Silva.*

TOLDOS

PARA

Estabelecimentos, Janelas, Terraços, Jardins, Praias

TELEFONE NORTE 3069

Amilcar de Sousa

ALFAIATE

LISBOA — Rua da Prata, 266, 1.°

ATENÇÃO!...

Não ha calça elegante sem a fita

"UNIC"

Maravilhoso invento inglês

- Conserva sempre o vinco das calças
- Nunca mais desaparece!
- Não faz joelheiras
- Resiste a todas as grandes molhas
- Economiza muito dinheiro
- Não estraga a fazenda das calças
- Conserva sempre a linha recta e elegante
- Dá distinção
- Evita o aspecto de pobreza e de abandono

Calça sem «UNIC» — Calça com «UNIC»

Não é preciso voltar a passar a ferro

Preço de reclame: Fita para uma calça, 7 Escudos

Para a provincia franco de porte

Depositarios: MAISON BLANCHE

ROSSIO, 16

MOBILIAS

Boa construção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Preços reduzidos durante os meses de Abril, Maio e Junho, para o efeito de balanço

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

Importante Leilão de Penhores

(de Juros em atrazo)

A IDEAL, L.da—Rua da Assunção, 88, 1.°—Tel. N. 5180

No dia 4 de Maio e seguintes, pelas 13 horas (1 hora da tarde), constando de Ouro, Prata, Brilhantes, Joias, Platina, Fazendas, Bijouterias, Papeis de Credito, Pianos e Auto-pianos com musicas diversas, AUTOMOVEIS TORPEDOS, Carrosserie sport de 3 logares, Motos ligeiras e com sid-car, Bicicletes, Motor de 4 cilindros, para automovel, Magnetos e acessorios diversos, Pneus e Bandages, Motores electricos, etc., etc.

☞ **Prestam-se todos os esclarecimentos**

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE. FAZEM-SE A 480$00 : FABRICAÇÃO GARANTIDA — TRAVESSA DA QUEIMADA, 31

CATALOGO GERAL DOS **Grands Magasins du Printemps** *PARIS*

E' oferecido gratuitamente na ocasião de qualquer compra pela Agencia em Lisboa, Rua Ivens, 56.

Politeama
Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

HOJE, ás 8-45, pela Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

A MASSAROCA

e a revista **VEM CÁ, NAO TENHAS MEDO!**

Notabilissimas interpretações de NASCIMENTO FERNANDES

EDEN TEATRO
Telef. N. 3800

Empresa Conceição Silva, Ltd.

HOJE, ás 8-45, PENULTIMA apres. irrevog. da

Troupe Russa ELTZOFF

As notaveis artistas Helene Typel, Marina Sierra, Pilar Nebra e as 4 Formosissimas Girls 4

SEXTA-FEIRA, 1, ESTREIA da

Troupe Belga CHATAM

Teatro MARIA VITORIA

AVISO

Devido á alteração da hora de recolher para as 2 da madrugada

SÓ AMANHÃ

se estreia a nova revista

RATAPLAN!

Companhia de Seguros A Continental

Assembleia Geral Ordinaria

Não tendo podido realizar-se, por virtude dos ultimos acontecimentos, a reunião, em Assembleia Geral, desta Companhia, aprasada para o dia 25 do corrente, na Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, 19, 1.°, são os Srs. Accionistas convidados a reunir, em primeira convocação, pelas vinte e uma horas do dia 14 de Maio proximo futuro, na mesma Associação, afim de se discutir e votar o relatorio da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal relativos ao ano findo em 31 de Dezembro de 1924 e de se proceder á eleição do Presidente da Mesa da Assembleia Geral e de um vogal efectivo do Conselho Fiscal.

Lisboa, 28 de Abril de 1925.

O Vice Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(a) *Miguel dos Santos*

Companhia de Vinhos e Azeites de Portugal

Esta Companhia, estando a proceder á sua liquidação, torna publico que até ás dezaseis horas do dia 25 de Maio de 1925, na sua sede, Rua do Alecrim, 53 r/c., aceita propostas para adjudicação parcial ou em globo dos seus haveres em LISBOA e COLARES, constantes do seguinte:

Em Colares

53 propriedades rusticas, com uma superficie de cerca de 150 hectares e uma plantação de 300.000 pés de vinha, aproximadamente;

Edificios servindo a adegas e armazens, com instalação electrica;

Casas de habitação, cocheira e abegoaria;

Vasilhame fixo e movel, com uma capacidade de 2.700 pipas;

Vasilhame de vidro e artigos de engarrafamento;

Lagares e seus apetrechos;

Maquinas e utensilios de adega;

Alfaias agricolas;

Viaturas, gado bovino e muar;

Cerca de 1.000 pipas de vinho da região;

Marcas registadas de exclusivos da Companhia;

Em Lisboa—Poço do Bispo

Propriedade murada de grande area, denominada «Vila Pereira», com desvio privativo de caminho de ferro, uma larga facha de terreno com cais proprio sobre o rio e terrenos aproveitaveis para cultura ou construções;

Um chalet e casas para habitação;

Onze edificios para adegas e armazens;

Vasilhame fixo e movel com uma capacidade de 2.300 pipas;

Maquinas electricas e utensilios de adega;

1 laboratorio e seus pertences;

Viaturas e gado muar;

Transportador electrico para serviço do armazem, em construção;

Materiais diversos.

As propostas devem ser dirigidas aos liquidatarios, em carta fechada, e tornar-se-hão conhecidas, na data acima indicada, na presença dos proponentes, reservando-se o direito de serem apreciadas em conjunto ou separadamente, com a faculdade de serem ou não adjudicadas, conforme mais convier.

Quaisquer informações ou esclarecimentos, prestam-se na sede desta Companhia.

Lisboa, 25 de Abril de 1925.

OS LIQUIDATARIOS

Manuel Homem de Mello
Alexandre da Cunha Rolla Pereira
Carlos Bueno y Martins

ESTRANGEIRO

NOTICIAS DA BULGARIA

FOGO propositado para destruir a Biblioteca Municipal e o teatro de Pleven

SOFIA, 29

Um incendio acaba de destruir o teatro de Pleven e a biblioteca municipal desta cidade.

Esta biblioteca era uma das mais importantes da Bulgaria.

O inquerito feito, estabeleceu que o fogo havia sido propositadamente lançado pelos agrarios-comunistas, que ainda por cima haviam colocado debaixo do palco bombas que explodiram sem atingir ninguem.

Felizmente, este atentado não vitimou pessoa alguma.

As autoridades de Verna descobriram um novo cumplice dos conspiradores de Sofia, chamado Kassaboff, que foi morto durante uma fuzilaria.

O deputado agrario Velinaff, implicado no atentado da catedral de Sofia, fugiu para o estrangeiro com alguns dos seus cumplices.

Faleceu o coronel Noikoff

O coronel Noikoff, que tinha sido gravemente atingido na explosão da catedral, acaba de falecer. Escritor militar bastante conhecido, o coronel Noikoff tinha sido tecnico na delegação bulgara que assinou o tratado de Neuilly, e membro da delegação que tinha negociado o acordo de Nich. — (H.)

Não houve execuções sumarias

O governo desmente que se tenham feito execuções sumarias de comunistas bulgaros, dizendo que os unicos comunistas que têm morrido têm sido aqueles que têm resistido ás autoridades, atacando-as á bomba, a tiro e a granada de mão. — (R.)

A POLITICA ALEMÃ

Hindenburgo venceu a eleição porque o sentimento do povo alemão estava com o velho cabo de guerra

A Alemanha inteira esteve nestes ultimos dias presa duma ansiedade enorme. Nenhuma eleição do passado teve jámais tão grande valor simbolico.

O «Volksblock» usou, no ataque á Monarquia, muita prudencia, porque a ideia de fazer o estrangeiro juiz em tal questão era odioso para o orgulho nacional. De modo que não se buscou a ajuda da opinião francesa, nem da inglesa, contra o idolo de Hannover, mas sim a opinião americana.

Nisto, não se tratava de sentimento, mas de dinheiro. A deflacção, esse extraordinario restabelecimento da moeda, teve, como consequencia natural, uma falta de dinheiro liquido e de capital de exploração. A maior parte das casas de exportação vive de creditos americanos a curto praso. A imprensa da direita desmente, com uma violencia indignada, que a eleição de Hindenburgo possa criar qualquer desconfiança por parte dos Estados Unidos.

Apelou-se para Kellog; o honrado ministro do Estado jurou, naturalmente, que o governo federal se não imiscuiria na eleição.

Stressmann, acusado de ter espalhado boatos falsos sobre a opinião americana, teve de calar-se prudentemente, visto que já estava comprometido, aos olhos da direita, por ter manifestado pouca simpatia pelo marechal, quando se julgava que ele não seria candidato.

Mas, apesar dos desmentidos e das reticencias, o sentimento dos americanos exprime-se claramente. Hindenburgo é, para eles, a Monarquia, o espirito belicoso, a arrogancia do «Kaiser» que o exercito americano ajudou a destronar.

O «New York Times» escreve:

«Só um banqueiro pouco prudente não pensará em Hindenburgo, antes de emprender quaisquer negocios com a Alemanha».

O «New York American», de Hearst, numa forma desgostosa, não é menos caracteristico quando diz que os nacionalistas franceses «devoradores de alemães» poderão ver com alegria a vitoria de Hindenburgo, por terem nela o seu maior argumento contra o actual governo francês.

* * *

São interessantes as declarações feitas por Hindenburgo ao «World», de New-York, poucas horas antes de ser eleito Chefe do Estado Alemão:

—Facilitaria, se ele o desejasse, a volta do «Kaiser»? — preguntou-lhe o jornalista.

O velho marechal respondeu ambiguamente:

—Essa volta só pode conceber-se por meio de negociações diplomaticas.

Segunda pregunta:

—Favoreceria um plebiscito para a Monarquia?

Segunda resposta:

—Um plebiscito deve exprimir a vontade livre do Povo, sobre a qual não se pode exercer a vontade presidencal.

Eis, pois aqui, um presdente de Republca que não ousa pronunciar-se antes contra um plebiscito que representa um ataque á Constituição.

Mas todas estas considerações pouco valiam em face do sentimento, e o sentimento foi um factor possante nos 38 milhões de alemães e de alemãs que votam a partir dos vinte anos.

Que importam os creditos para a industria, os relatorios categoricos, ainda que desmentidos, dos embaixadores e dos consules? O sentimento vence tudo — e o sentimento alemão estava com o marechal.

Os comunistas vão lutar contra o perigo monarquico

BERLIM, 29. — Stresemann está incomodado de saude, vendo-se obrigado a estar nos seus aposentos, onde tem trabalhado na redação do pacto de garantias. O dr. Luther informou os governos aliados de que a Alemanha está disposta a reassumir as negociações sobre o pacto, dentro em breve. Nessa declaração a Alemanha mostrar-se-ha pronta a entrar na Liga das Nações se lhe forem dadas as garantias do artigo 6.º

O marechal von Hindenburgo vai prestar o seu juramento a Berlim, devendo ocupar o palacio presidencial em companhia de seu filho o major von Hindenburgo e de sua nora e baroneza Mahrenholz. O marechal Hindenburgo deseja manter o actual governo, estando os democratas dispostos a apoiar.

Os comunistas e as uniões trabalhistas publicaram um manifesto em que dizem que o unico caminho a seguir é o da luta contra o perigo monarquico, devendo-se unir todos os proletarios para esse fim.—(R.)

AS EXTREMAS ESQUERDAS

PARA propaganda bolchevista votou a 3.ª Internacional 135 milhões de rublos

REVAL, 29

Em conformidade com as decisões do Congresso das Juventudes comunistas de Moscou, em 19 de Abril, visando o aniquilamento dos Estados burgueses, as Juventudes comunistas foram encarregadas daqui por diante da missão especial de propaganda nos quadros da policia e da extensão das ideias pacifistas entre os militares, de provocação sobrepticia no seio das organizações nacionais, com o fim de conduzir á sua disjunção, e especialmente entre os guardas civicos, para dispôr dos seus armamentos.

A III Internacional comunista destinou a este serviço 135 milhões de rublos oiro.

A direcção da guarda civica esthoniana suspendeu temporariamente a admissão de novos aderentes. — (H.)

Um comunista matou sete gendarmes

VIENA, 29

Dizem de Sofia que um comunista matou sete gendarmes que andavam fazendo buscas nas habitações dos arrabaldes de Sofia, tendo cercado uma casa suspeita. Nessa casa estava um comunista, que matou dois gendarmes a tiros de revolver, tendo depois matado mais cinco, fazendo uso de uma carabina. Os gendarmes fizeram uso de metralhadoras, tendo conseguido matar o seu exasperado adversario. O tiroteio foi ouvido na cidade, tendo causado panico.

A policia bulgara continua fazendo batidas em todos os pontos onde supõe que os comunistas receberam guarida, recusando-se estes a entregar-se e defendendo-se á bomba. — (R.)

A fiscalisação sobre as posições dos generais e coroneis

MOSCOU, 29

Em fins de março, o «Bureau» politico, a «Tcheka» e o conselho superior da defeza nacional aceitaram a proposta de Frunse de retirar aos comissarios do exercito o direito de fiscalização sobre as funções militares, administrativas e economicas dos generais e coroneis.

Estes ultimos, salvo no que respeita á fiscalização politica, terão, pois, os mesmos poderes que tinham sob o Tzar. — (H.)

Os «soviets» pretendem umas regiões fronteiriças

REVAL, 29

Os bolchevistas estão fazendo uma intensa campanha tendente a conseguir que as regiões fronteiras da Letonia, Lituania e Polonia, habitadas por russos brancos sejam incorporadas na Republica Sovietica.

O centro principal dessa propaganda está em Minsk. — (R.)

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Londres, cheque	98$50	98$75
* Paris	—	1$07,5
*. Madrid	—	2$95
*/New-York	—	20$50
* Amsterdam	—	8$24
*/Suiça	—	3$99

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Bruxelas	—	1$04
*Italia	—	$84,5
*/Praga	—	$62
*/Brazil	—	2$22
Libra esterlina	105$00	110$00
Agio do ouro	—	—

AS ESQUERDAS

A OPINIÃO de Pestana Junior sobre o momento politico

O sr. dr. Pestana Junior, que foi ontem visado no Parlamento, procurado hoje por um nosso redactor, declarou que sobre o assunto a que se referiu o sr. Cunha Leal, fala por ele a carta que recebeu do sr. dr. Quirino de Jesus, e a que aludimos noutro logar.

Limitou-se a dizer:

—Nunca falei ao sr. Raul Esteves. Não sei se é alto, se é baixo, gordo ou magro. Apenas sei que ele teve um dia uma questão pessoal com o meu amigo Mac-Bride. De resto, ouvi sempre dizer que o sr. Raul Esteves era um homem de ordem. Ora eu desconfio muito dos nossos homens de ordem — e tenho razões para desconfiar. A prova é evidente...

Procurámos saber do ministro das Finanças do gabinete Domingues dos Santos a sua opinião sobre o momento politico.

—Não tenho duvida nenhuma em lhe dar a minha opinião — diz.

—O Parlamento?...

—Deve ser adiado. Era essa, de resto, a questão que o governo devia ter posto no primeiro dia em que se apresentou ás Camaras, após a revolução. A primeira coisa a fazer era pedir autorizações. Davam-lhas? Muito bem. Não lhas davam? O caminho a seguir seria o dos Passos Perdidos. Votadas as autorizações, seguir-se-ia, naturalmente, o pedido para o adiamento do Congresso.

—O governo procedeu assim...

—Passados oito dias e depois de discussões inuteis—depois do que se tem visto. Uma vergonha!

—Duas palavras sobre a situação politica...

—Que lhe hei-de dizer a mais do que tenho dito? E' preciso marchar, marchar para a frente.

—O governo actual manter-se-ha até ás eleições?

—Respondo dizendo-lhe que se devia manter até lá. De resto, o actual presidente do ministerio é homem para fazer eleições livres — no melhor sentido da palavra. E' uma ocasião magnifica para se experimentar o eleitorado, sem pressões de maior. Vêr-se-hia então, claramente, se o povo é pelos tabacos, fosforos e bancos, ou se é por ele proprio. Sim, os dois extremos são estes: os interesses dos monopolios e as necessidades populares. Concretisando: os habitantes das Avenidas Novas e o povo...

Apareceram hoje os dois processos roubados da P. S. E.

Em cima da mesa do tenente Jorge de Carvalho, adjunto da Policia de Segurança do Estado, apareceram hoje os dois processos referentes a civis presos por motivo dos acontecimentos, que ha dias haviam sido roubados daquela repartição.

Na P. S. E. ha 20 civis presos, que serão julgados no Tribunal Militar.

Além destes ha na mesma policia 60 agitadores presos, acusados de atentados pessoais e dinamitistas.

A TARDE PARLAMENTAR

"BASTA A ATITUDE DOS NACIONALISTAS PARA SE JUSTIFICAR O ADIAMENTO,, afirma José Domingues dos Santos

Preside o sr. Domingos Pereira. Senadores e deputados presentes — muitos. Galerias assim, assim. Na da esquerda baixa, o orador sagrado reverendo Fernandes de Castro.

Começa a falar o sr. Domingues dos Santos:

—Toda a politica se apoia neste conceito: educar o povo...

O sr. Cunha Leal:

—Peço a palavra.

O sr. Domingues dos Santos:

—E eu tenho procurado sempre realizar a moral deste conceito. A minha politica é assente sobre ideias e não sobre despeitos pessoais. No meu partido, por vezes nos zangamos uns com os outros, mas nunca atacamos um adversario. «O nosso estofo moral» não nos permite tal atitude.

E o sr. Domingues dos Santos continua a afirmar a correcção do seu procedimento, «superior a ameaças, a ironias, a atitudes menos respeitosas», e a condenar os processos de ataque pessoal, injurioso e violento. (Na Camara ha um grande silencio.)

Começa o orador a referir-se ao partido nacionalista e salienta a circunstancia de os parlamentares deste partido terem abandonado os trabalhos da Camara, quando se encaravam problemas graves, e só terem voltado depois da «desordem da Rotunda», para discutir o caso da prisão de dois deputados seus. (Apoiados da esquerda. Pequenas interrupções do sr. Cunha Leal). Tira d'este facto a conclusão de que o partido nacionalista, desinteressado da questão constitucional, condenou a revolução. (Apoiados da esquerda).

E o *leader* esquerdista começou a atacar o sr. Cunha Leal, entrando na Camara a cruzarem-se ápartes, até que o orador exclama:

—Um homem que já foi chefe do governo não tem o direito de vir para aqui injuriar ninguem! A injuria é o argumento de quem não tem argumentos! (Apoiados vibrantissimos da esquerda).

Começa o orador a referir-se ás afirmações do sr. Cunha Leal na vespera, e relativas á entrevista Quirino de Jesus-Raul Esteves.

—Eu podia lá ter qualquer especie de relações com o sr. Raul Esteves, monarquico de sempre?—diz o orador.

O sr. Cunha Leal, a escrever:

—Ele não deixava...

Agora o sr. Domingues dos Santos refere-se ao sr. Raul Esteves «em quem nunca acreditou, e que passou a sua vida a brincar com a sua situação». Esta alusão dura algum tempo, estando o orador a ser muito apoiado.

E voltando ao assunto Quirino de Jesus-Raul Esteves, lê á Camara a carta a que o *Diario de Lisboa* hoje se reporta nas paginas da Cidade, e que corresponde textualmente ao que escrevemos, em entrevista.

O sr. Domingues dos Santos alude agora ao pedido de adiamento pedido pelo governo:

—Bastava a atitude do sr. Cunha Leal, bastava a atitude do partido nacionalista, para todos nós votarmos o pedido apresentado pelo governo!

Termina evocando a figura de Catilina, a quem Cicero teve de exclamar: «até quando?!»

Uma voz:

—E' o Cicero dos Santos!

O sr. Cunha Leal tem a palavra e manda para a mesa uma moção, na qual se convida o governo a justificar melhor o seu pedido de adiamento das Camaras.

A primeira parte do discurso do sr. Cunha Leal é toda dirigida ao sr. dr. José Domingues dos Santos, e tão repassada de ironia bem disposta, que por vezes os democraticos sorriem, para logo se indignarem, e voltarem a sorrir, até que o orador se refere ao papel de Cicero assumido pelo orador antecedente. Indigna-se o «leader» esquerdista, bate na carteira, e em áparte exige a correcção do sr. Cunha Leal. Faz-se então silencio. E o orador apela para a presidencia, para o meter na ordem, se ele exorbitar. Alguns democraticos apoiam discretamente. Então o sr. Cunha Leal brada:

—Ah! Meus senhores! Passemos ao serio! Houve momentos nesta sala em que todos tremiam quando o sr. dr. José Domingues dos Santos era governo, e as galerias eram suas.

O «leader» esquerdista perde um pouco a sua linha e bate com a bengala na cadeira. Pequeno tumulto. Toca o carrilhão na presidencia. O orador volta a falar no mesmo tom de energia, e vê-se alguns—poucos—deputados democraticos produzir um tumulto enorme, emquanto o sr. Cunha Leal declara, com serenidade, que «vai continuar».

E diz:

—Apelo para o caracter impoluto do grande republicano que preside a esta sessão. Ele que diga se é verdade ou não que, sendo governo o sr. dr. José Domingues dos Santos, houve uma sessão em que teve de ser chamada a guarda para evitar interrupções das galerias, ás ordens do proprio chefe de gabinete.

Silencio na sala, e o sr. Cunha Leal, vencedor do tumulto, alude agora ao caso Quirino de Jesus-Raul Esteves, mantendo as afirmações feitas pelo sr. Raul Esteves, produzidas deante de dez oficiais do exercito. E acrescenta:

—E' possivel que para não se fazer luz sobre todo este caso, amanhã haja mais jornais suspensos!

E a seguir, com impeto:

—E' possivel que dentro em pouco aqueles que hoje acusam os vencidos em breve sejam pelo paiz convertidos em reus!

* * *

A's 17 horas, falando o sr. Cunha Leal contra o adiamento, e aludindo á suspensão dos jornais e aos ataques á liberdade, volta a generalisar-se o tumulto por lado dos esquerdistas, batendo o «leader» com a regua (e não bengala como acima dizemos), o que levou um deputado monarquico a dizer:

—Sr. Presidente. Dissolva a regua do sr. José Domingues dos Santos.

E a sessão continua, declarando o orador não compreender a suspensão dos trabalhos parlamentares, que equivale a um golpe sobre a liberdade e sobre a integridade dos cidadãos. (O ruido agora aumenta).

—A Nação está jogulada pelo partido democratico. A Nação a seu tempo responderá a esta ditadura encapotada e tiranica.

O sr. Cunha Leal foi muito cumprimentado, tendo a seguir abandonado a sala.

O sr. dr. José Domingues dos Santos voltou a falar, para declarar, em energico protesto, não ser homem de odios, mas de ideias, e apenas aspira, do fundo do seu coração de patriota, reunir á roda das suas ideias o amor de muitos portugueses.

—Se um dia o sr. Cunha Leal precisasse da minha casa, ela lá estava para o receber, para o defender, para o salvar. Mas não será nunca preciso, porque a politica que nós fazemos é de paz e não de odio.

Faz a seguir referencias ao sr. Raul Esteves, dizendo que este oficial, oito dias antes da revolução, prometera lealdade ao chefe do governo. E exclama:

—Nestes termos, entre a palavra de Raul Esteves e de Quirino de Jesus, não hesito. Vou por este ultimo.

—E' facil insultar um preso!—clama o sr. Cancela de Abreu—Ele ha de responder um dia.

Uma voz:

—Sim, mas da Penitenciaria!

A sessão foi prorrogada até ser votado o pedido de adiamento dos trabalhos parlamentares, que deve ser aprovado ainda hoje.

O DIA POLITICO

O PEDIDO para o adiamento tem uma maioria certa

De ontem para hoje a politica agitou-se de novo por forma a dar-nos a impressão de que possivelmente novos acontecimentos politicos nos esperam. Afirma-se que o governo se encontra desde ontem, numa situação periclitante, não tendo mesmo o apoio seguro e firme de toda a maioria da Camara.

Assim, diz-se, a Acção Nacional Republicana de que é «leader» o sr. dr. Alvaro de Castro, não está de acordo com todos os desejos e todos os actos do governo, como o não está tambem o sr. Antonio Maria da Silva.

* * *

E' dificil, porém, dar uma impressão politica do que se passa. Os boatos são tantos e tão desencontrados que o jornalista hesita em os mencionar, no todo ou em parte, por não poder fazer o justo «controle» da sua veracidade. Dificil tarefa a nossa. Dificil e ingrata que o leitor, por certo, compreenderá.

* * *

Fala-se num ministerio de concentração republicana presidido pelo sr. dr. Alvaro de Castro, e afirma-se que, nesse ministerio, devem tomar parte os srs. Antonio Maria da Silva, José Domingues dos Santos, Catanho de Menezes e outras figuras dos partidos democratico, accionista e do grupo independente. Isto se diz, isto registamos.

* * *

Outro informe que nos chegou, foi o de que êsse ministerio seria extra partidario e presidido pelo sr. dr. Bernardino Machado. Mas ha outra versão ainda: a de que o ministerio que ha de substituir o actual será presidido pelo sr. João Chagas. Outro simples registo sem comentarios.

* * *

Todos êstes boatos de organização de ministerios significam apenas que não ha fumo sem fogo e, jornalisticamente, ha que registar esta incerteza governamental. Fica o governo? Já ontem o dissémos. Possivel é que sim, se outras complicações parlamentares se não manifestarem. Julgamos poder afimar que não será por falta de votos que o governo hoje cairá no Congresso.

* * *

Para fechar, podemos quasi garantir, que o pedido do governo para o adiamento dos trabalhos parlamentares será aprovado pelo Congresso por uma maioria aproximada de 22 votos.

Um avião aterra forçadamente em Carenque

Esta manhã, por volta das 7 horas, quando o arrojado aviador tenente Dias Leite dava instrução num «Caudron» ao tenente Frederico Costa, viu-se forçado a aterrar num campo em Carenque, entre Queluz e a Amadora.

Felizmente, não houve qualquer desastre pessoal ou material.

O aparelho vai ser conduzido para o campo da Amadora, donde seguirá pelo ar para Sintra.